

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE

REVISTA DE IMPRENSA Publicação Correio do Minho

Local Braga Data 18/01/63 Série _____ N.º _____

PLANO DE ACTIVIDADE

da Câmara Municipal de Esposende

9 PARA 1963

Iniciamos, hoje, a publicação do Plano de Actividade da Câmara Municipal de Esposende —



ANTÓNIO DA COSTA LEME

Presidente da Câmara de Esposende

para 1963 —, e a que preside o sr. António José da Costa Leme.

Concelho em que acaba, junto ao Mar, o distrito de Braga, tem vindo, nos últimos anos, a sofrer um «crescimento» no que se refere a actividades camarárias que, embora longe de satis-

fazer os anseios da sua gente como dos responsáveis, acusa um esforço digno de apreciação e serve de base, por certo, para outros cometimentos que o futuro anunciará.

Virado ao desenvolvimento turístico — aproveitando, assim, os favores da Natureza que o prodigalizou de encantos que são a sua ufania, e povoado também de gente do mar que ainda aguarda uma olhadela de departamentos do Estado, estamos certos de que prosseguirá sem esmorecimentos, conforme deixam antever os problemas focados no presente Plano de Actividade.

É do seguinte teor o referido documento.

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE

REVISTA DE IMPRENSA Publicação Correio do Minho
 Local Braga Data 18/01/63 Série _____ N.º _____

Plano de Actividade

da Câmara Municipal de Esposende,

PARA 1963

Dando satisfação ao disposto no n.º 4.º do art.º 77.º do Código Administrativo, submeto à apreciação e aprovação de V. Ex.ªs o Plano de Actividade para 1963.

Não é sem uma ponta de mágoa que elabore este plano de trabalhos para o ano de 1963. As circunstâncias em que vive a Nação portuguesa, suportando uma guerra de alto preço material e moral, fatalmente que haveriam de atingir, prejudicando-os, os altos objectivos da administração municipal. É que, meus Senhores, parecia-nos chegada a altura de nos abalancarmos a cometimentos de certa envergadura que transformassem a nossa privilegiada Zona de Turismo, (já razoavelmente conhecida no estrangeiro) em centro de Turismo de nível europeu, com marcado prestígio internacional. As condições naturais existentes, as infra-estruturas já realizadas e a nossa forte vontade de algo fazer a sério por Esposende e seu concelho, levaram-nos a idealizar um plano de trabalhos do maior interesse e projecção, plano esse que uma viagem por vários centros turísticos do maior prestígio no estrangeiro, nos indicou estar perfeitamente adequado às características e possibilidades da nossa terra com vista à sua rápida expansão turística. Temos, meus Senhores, que tomar definitivamente consciência do

nosso próprio valor turístico e do extraordinário interesse económico da nova e valiosíssima indústria do século vinte — o Turismo. Quanto a Esposende, o problema põe-se assim: Ou fazer turismo ao nível internacional, interessando os estrangeiros durante o período de (pelo menos) meados de Maio a meados de Outubro — cerca de 5 meses —, ou não vale a pena pensar em turismo caseiro, digamos assim, limitado aos nacionais que passam um mês, ou dois quando muito, nas praias portuguesas. Temos, assim, que nos atirar, corajosa e decisivamente, para uma série de realizações que permitam a «fixação» do turista estrangeiro naturalmente exigente porque entende, e bem, ser legítimo aplicar com segurança o seu capital destinado ao investimento das férias — investimento sem dúvida de relevância na vida do homem de hoje que trabalha num século XX fervilhante, a esgotar permanentemente as energias mais robustas. Por isso a Câmara Municipal, atenta às realidades que nos cercam, e sem esquecer como se verá, outras obras de interesse, estruturou e tentou tudo para o realizar através da ajuda do Estado, um plano que previa várias obras e iniciativas tendentes a atingir o objectivo atrás mencionado de interessar, «fixar» o maior

número possível de turistas estrangeiros e, bem entendido, nacionais que comessem, como aliás deviam, a preferir as suas belezas quantas vezes superiores, às dos outros países que sistematicamente procuram e preferem. Assim pensou-se na urbanização da zona das dunas de Suave-Mar, na área abrangida pelo 1.º plano parcelar de urbanização realizada pelo nosso arquitecto urbanista; pensou-se em construir um edifício condigno, bem situado no rio Cávado, junto da Avenida Marginal, que albergasse um Clube Náutico a possibilitar a expansão e fomento das várias modalidades de desportos náuticos que o belo e amplo estuário do rio Cávado permite praticar; pensou-se num refúgio para permitir, com a necessária demarcação legal, a pesca das saborosas trutas do rio Neiva, prática desportiva tanto do agrado de uma camada larga de turistas estrangeiros; pensou-se na ampliação vasta e adequada às exigências do futuro, do actual Abrigo de Pesca Desportiva, transformando-o em imóvel de grande interesse turístico a permitir a realização de grandes festivais, manifestações culturais, tendo também instalações destinadas a restaurantes, «boite», etc.; pensou-se na aquisição de uma certa área de terreno situada a norte e nordeste do Hotel Suave-Mar para que a Câmara a valorizasse abrindo os arruamentos necessários à sua conveniente urbanização e na sua posterior venda realizasse simultaneamente um bom lucro e melhorasse, como tanto urge, a capacidade de alojamento de quem nos procura para passar o verão com instalações familiares condignas; pensou-se e pensa-se na ampliação do número de quartos do Hotel Suave-Mar, hoje motivo de legítimo orgulho do património municipal, e finalmente — os últimos são os primeiros — pensou-se e pensa-se acabar em 1963 com a grande obra em curso da Avenida Marginal, obra desde sempre considerada por nós como ponto de partida para o grande futuro turístico de Esposende.

Todos já compreenderam a razão da aludida mágoa: se em tempos normais um plano desta envergadura já seria difícil de realizar, nas condições presentes é impossível realizá-lo somente com a ajuda do Estado e os poucos recursos municipais. Mas a Câmara, frente às duras realidades, já iniciou os necessários contactos com empresas privadas interessadas em investir capitais em realizações turísticas. As conversações já havidas permitem-nos manter a esperança de que algo se poderá ver feito ao longo do ano de 1963, na certeza de que se confia que o Estado e Câmara poderão

realizar as obras seguintes: Última fase da Avenida Marginal (custo cerca de mil contos!) e ampliação de quartos do Hotel Suave-Mar. Se a iniciativa particular puder levar a cabo a referida ampliação do Abrigo de Pesca Desportiva, poderemos dar corpo a outra ideia que a Câmara entendeu de todo o interesse: a realização de um Festival Internacional da Canção do Atlântico com todas as consequências inerentes a uma iniciativa de repercussão internacional que viria a ajudar decisivamente a tornar conhecida a nossa Zona de Turismo nos meios internacionais de maior nomeada, festival este que serviria de fecho condigno a um outro de poesia luso-galaica-brasileira sob a invocação dos poetas Sá de Miranda e Correia de Oliveira, manifestação cultural de todo justificada. Também se pediu ao Governo que realizasse pela Direcção Geral dos Serviços Florestais a arborização de uma boa área da zona das dunas de Suave-Mar, a norte do Abrigo de Pesca Desportiva. Se a tudo isto se acrescentar que a Estalagem do Pinhal, magnífico estabelecimento hoteleiro erigido por entidade particular em boa hora, deverá estar concluída, com os seus 50 confortáveis quartos e magnífica sala de jantar para 200 pessoas, mais os vários e agradáveis salões, no início da próxima época turística; que uma grande empresa nacional vai executar uma grande obra de interesse turístico — um conjunto de edificações com restaurante, motel e estação de serviço automóvel, tudo em muito bom nível turístico — e que uma entidade particular pensa construir um grande imóvel na Avenida Marginal destinado a apartamentos para venda em propriedade horizontal ou para aluguer, para cuja execução a Câmara concedeu todas as facilidades possíveis, poderemos pensar que aquelas palavras com que iniciamos o plano de actividade para o ano de 1961 e que algum orgulho provocaram nos Velhos do Restelo locais quanto aos bons auspícios do aparecimento da «cidade nova» com ponto fulcral na zona das dunas de Suave-Mar contígua à Avenida Marginal, não eram nem vãs nem inopertunas. Bem ao contrário, o progresso evidente da nossa terra só foi retardado pelas aludidas dificuldades materiais que atingiram toda a Nação, mas está a processar-se com toda a segurança. Ponto é que sabemos ter fé, nunca desanimar na luta de todos os dias, e confiar no futuro ridente que, certamente, Deus nos permitirá beneficiar.

(CONTINUA)